

A BAILARINA

Era uma vez uma menininha que queria ser bailarina. Ela tinha quatro anos e se chamava Fernanda.

Na fazenda onde ela morava não havia escola de dança, nem loja para comprar roupa de bailarina, nem qualquer outra pessoa que soubesse dançar. A casa onde ela morava tinha um aparelho de televisão bem grande e ela assistia aos programas em que havia bailarinos, dança e patinação no gelo. Até nos seus sonhos havia bailarinas e ela era a principal de todas, a mais bonita, a que pulava mais alto e rodopiava mais tempo.

O que não faltava na fazenda era espaço. A Fernanda dançava pela fazenda e tentava fazer sozinha aquilo que via na TV. Como não tinha sapatilhas, dançava descalça e, às vezes, machucava os pezinhos. Ela punha a música no seu quarto, saía dançando pela casa e depois em volta da casa. De vez em quando dançava com as galinhas e os porcos. Fazia de conta que eles todos eram bailarinos também.

Todos na casa a chamavam de Fernanda, a Pequena Bailarina.

Uma vez Papai Noel lhe trouxe uma roupa de bailarina e um par de sapatilhas. Era tudo cor-de-rosa e branco, exatamente do tamanho dela. Com as sapatilhas e o vestidinho de balé bem armado, com meia-calça branca e uma tiara cheia de lantejoulas, ela saía dançando pelos campos todos os dias em que não chovia. Quando chovia, ela dançava só dentro de casa para não estragar as sapatilhas.

Fernanda cresceu e o Papai Noel trouxe outras sapatilhas e outros vestidinhos. Todo ano no Natal ela ganhava uma roupa nova de bailarina. Quando tinha quinze anos, mudou-se da fazenda para a cidade grande e foi estudar numa escola de dança. Ela se tornou a principal dançarina da escola e foi para outra escola mais avançada. Assim foi até que não havia quem soubesse mais do que ela para ensiná-la. A professora agora era ela. Era a melhor bailarina do seu tempo e todas as pessoas pagavam para vê-la dançar nos teatros e nos filmes. Os programas de televisão sobre dança falavam da Fernanda e mostravam suas apresentações em todos os cantos do mundo.

Fernanda, a Pequena Bailarina, ficou famosa, rica e foi muito feliz. Ela se casou e teve quatro filhas, todas lindas bailarinas como ela.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

A BRUXA BOAZINHA DA FLORESTA ESCURA

Era uma vez uma menininha muito especial. Seu nome era Paula. Ela gostava de passear na floresta para procurar flores e borboletas. Pegava as borboletas nas mãos, mas não judiava delas. Tinha dó. Queria apenas ser amiga delas. Conversava com elas e depois as soltava. Também não arrancava as flores, apenas as cheirava, acariciava com os dedinhos e falava com elas. "Gosto muito de sua cor. Você é maravilhosa". "Que vermelho lindo você tem!" "Como você se chama, flor amarela?"

Uma vez ela ficou até mais tarde na floresta e não percebeu que o dia terminava. Já era noite quando tentou voltar para casa, mas não conseguiu. De repente, viu que estava perdida na floresta. Ficou com medo. Muuuuuuito medo. Nunca antes ela havia dormido uma só noite fora de casa, sem seus pais e irmãos. Por alguns instantes, ela perdeu o controle e chorou desesperadamente. De soluçar. Depois de algum tempo, ela entendeu que dependia só dela mesma e parou de chorar. Tentou fazer tudo o que havia aprendido em casa, nos livros, na televisão e na escola. Primeiro vestiu o agasalho, amarrou os tênis e jogou fora tudo aquilo que lhe era inútil e pesado naquele momento - livros, cadernos, lápis, canetas, pedras de sua coleção e outras coisas que não a ajudariam naquele momento difícil. Ficou só com a lancheira, que tinha uma maçã e um suquinho. Começou a pensar: "Se eu ficar parada ficarei com muito frio e algum bicho poderá me pegar. Preciso andar e buscar ajuda".

Depois de pensar um pouco, decidiu subir numa árvore e tentar enxergar alguma luz. Com alguma dificuldade, subiu na árvore mais próxima o mais alto que pôde e olhou para todos os lados. Viu lá longe uma luzinha que lhe deu esperança. Juntou toda a sua coragem e foi atrás da luz. Caiu e tropeçou durante a caminhada. Chegou mesmo a se arranhar nos braços e nas pernas, mas chegou lá. Viu que era uma casinha de madeira muito bem cuidada. "Será a casa da bruxa malvada da floresta sobre quem meu pai falou tantas vezes?" "Será a casa de uma pessoa boa ou malvada?" "Como saber?"

Ela decidiu olhar com cuidado e tentou enxergar o interior da casa por meio de um buraquinho na parede. Enquanto se esforçava para ver alguma coisa, a porta da casa se abriu e saiu uma mulher estranha com um chapéu pontudo: - Quem está aí?

A menininha tentou se esconder, mas teve que enfrentar a situação. Foi até a mulher e olhou bem nos olhos dela: - Sou eu. Estou perdida na floresta e preciso de ajuda. Meu nome é Paula.

- Eu sou a Bruxa Boazinha da Floresta Escura e terei prazer em ajudá-la. Entre. Você deve estar com frio e fome. Não tenha medo.

Paula entrou e ficou encantada com a casa e o comportamento da bruxa. Ela tomou uma sopa deliciosa que a bruxa lhe ofereceu, tomou um banho bem quente e demorado, vestiu roupas novas e macias, deitou-se em frente à lareira e escutou as histórias maravilhosas de sua nova amiga bruxa. Finalmente, de tão cansada, dormiu no sofá, no colo da bruxa.

No dia seguinte acordou descansada e feliz. Tomou um bom café da manhã e saiu a caminho de casa. Antes de partir, ganhou presentes da bruxa: uma bússola, uma lanterna mágica, uma

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

capa de chuva mágica, um livro encantado e uma lancheira enfeitiçada. Logo ela chegou em casa e contou a todos o que tinha acontecido. Todos estavam muito preocupados com o sumiço dela. Ninguém acreditou na história da bruxa, mas ninguém soube explicar de onde vieram aquelas coisas estranhas que ela havia trazido.

Nunca mais ela se encontrou com a Bruxa Boazinha da Floresta Escura, mas nunca mais deixou de se lembrar dela e de agradecer a Deus por tê-la colocado no seu caminho naquela noite. Até hoje, muitos anos depois, quando ela sai de casa, sempre leva os presentes que ganhou da bruxa: a bússola que lhe mostra sempre onde ela está, a lanterna que nunca precisa de pilhas, a capa de chuva mágica que não deixa sentir frio nem calor, o livro que conta histórias sozinho e a lancheira que sempre tem o lanche que está no seu pensamento.

A CASA DE VIDRO

Muito tempo atrás existiu uma menina chamada Helena. Ela tinha sete anos e gostava de passear na floresta para conhecer as flores.

Um dia ela resolveu entrar na floresta escura, que se chamava assim porque tinha tantas árvores juntas que a luz não conseguia entrar e, mesmo de dia, o lugar era escuro. Como ela nunca havia estado lá e tinha, como todo mundo, um certo medo de entrar numa floresta escura, levou uma lancheira com água e pão. A água ela bebia quando tinha sede, mas o pão ela não comia. O pão ela cortava em pedacinhos à medida que andava e jogava no chão para marcar o caminho. Ela pensou assim:

-Se eu me perder, volto seguindo os pedacinhos de pão e acho o caminho de volta para casa.

Andou horas e horas pela floresta adentro e depois se cansou. Decidiu voltar para casa seguindo os pedacinhos de pão que tinha jogado pelo caminho. Achou os pedacinhos que estavam perto dela, mas depois não achou mais nenhum. Ela ficou curiosa:

-Onde estão os pedacinhos de pão que eu joguei pelo caminho? Como é que eu vou achar o meu caminho de volta?

Então ela viu um passarinho carregando no bico um pedacinho de pão e entendeu: todos os pedacinhos tinham sido comidos pelos passarinhos da floresta!

-Que boba que eu fui! Como não pensei nisso antes? É claro que a floresta está cheia de passarinhos que gostam de pão. Eles pegaram os pedacinhos e agora eu não sei voltar para casa.

No começo ela ficou com medo, mas depois se lembrou de que naquela floresta morava uma bruxa boazinha, que ela nunca tinha visto, mas que era hora de conhecer.

Depois de muito andar, e já no escuro da noite, ela viu uma luz brilhante lá longe e decidiu ir naquela direção. Andou bastante e chegou até a luz. Era uma casa toda de vidro - as paredes, o telhado, o chão. Como tudo era de vidro, ela viu uma bruxa dentro da casa fazendo comida na cozinha. Talvez fosse a bruxa boazinha...

Helena bateu na janela da cozinha da bruxa e gritou:

-Dona Bruxa, eu me perdi na floresta e preciso de sua ajuda. Abra a porta, por favor.

A bruxa levou um susto tão grande que deixou cair o seu chapéu, preto e pontudo. Ela morava sozinha na floresta e nunca recebia visitas, muito menos durante a noite. Mas, como era uma bruxa boazinha, correu para a porta da casa de vidro para receber a menina. Abriu a porta e logo deu um abraço bem forte na Helena.

-Que bom que você veio me visitar. Entre e sinta-se em casa.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Helena estava cansada e com fome. A bruxa lhe deu um prato com arroz, carne e batata frita, que ela adorou. Depois a bruxa lhe deu um pouco de sorvete de limão e uma barra de chocolate de sobremesa. Helena comeu, comeu, comeu e ficou com sono.

A bruxa a levou até o quarto e lhe disse para ficar ali. Era tudo muito lindo e muito bem arrumado. Havia lá um montão de brinquedos e uma televisão. A cama era grande, toda cor-de-rosa. Dentro do quarto havia um banheiro enorme, com uma banheira cheia de água perfumada e espuma.

A Helena tomou banho e foi dormir. Quando apagou a luz do quarto, olhou para cima e viu as estrelas e a lua. Que maravilha! Ficou olhando o céu e logo dormiu.

No dia seguinte, acordou com a luz do sol entrando pelas paredes do quarto e viu como é que o dia amanhece na floresta. Viu os bichos acordando, viu a bruxa na cozinha fazendo café e viu as flores em volta da casa. Tudo muito lindo.

Depois de tomar café, a bruxa passeou com ela pela floresta e lhe mostrou lugares muito bonitos. Como a menina não sabia voltar para casa, a bruxa a levou até a saída da floresta. A bruxa lhe deu um abraço bem forte.

-Volte sempre, minha amiguinha. Venha me visitar quando quiser e traga seus amiguinhos.

A bruxa lhe deu um presente e foi embora. O presente era um saquinho cheio de pedras bem branquinhas com um bilhetinho dentro: Helena querida, quando você for visitar outras florestas, use estas pedrinhas para marcar seu caminho. Pedras os passarinhos não comem e você nunca vai se perder!

Helena e a bruxa boazinha ficaram muito amigas e sempre se encontravam lá na casinha de vidro. Com as pedrinhas brancas, Helena nunca mais se perdeu.

A CHUVA DE COCÔ

Era uma vez um menininho chamado Daniel. Ele tinha quatro anos e gostava muito de jogar futebol. Era goleiro do seu time. O campo de futebol onde jogava com seus amigos ficava no alto da cidade, perto do cemitério.

Uma vez Daniel foi fazer cocô, como todo mundo, e aconteceu uma coisa muito estranha. Ele estava sentado esperando o cocô sair quando ouviu um barulho diferente vindo de dentro da privada. Ele olhou para baixo, para dentro da privada, e deu de cara com um sapo. Daniel pulou da privada e saiu correndo, de tão assustado que ficou. Saiu gritando pela casa chamando pela mãe. Ela veio correndo para acudi-lo e ele contou o que tinha acontecido. Ela foi com ele até o banheiro e viu que havia um sapão dentro da privada. Como ele teria ido parar lá? Provavelmente tinha vindo do jardim, pulado na privada sem querer e não conseguia sair de lá. Ela pegou uma pazinha de lixo e fez com que o sapo subisse dentro dela. Pegou o sapo com cuidado e o levou para o jardim. Ele deu um grande salto e desapareceu.

Daniel ficou muito assustado com aquilo e ficou com medo de entrar no banheiro de novo. Naquele dia ficou sem fazer cocô porque tinha medo de se sentar na privada e de encontrar o sapão de novo. No outro dia ele também não quis fazer cocô. Mesmo em outros banheiros ele tinha medo. Tentou o banheiro da escola, do clube e da casa da vovó. Não conseguiu se sentar.

Depois de um mês sem fazer cocô, ele estava com a barriga bem grande. Mesmo assim, não tinha coragem de se sentar na privada. Também não tinha coragem de se agachar no mato para fazer cocô porque imaginava que podia encontrar o sapão.

Chegou o dia do jogo da final do campeonato de futebol de crianças da cidade e Daniel estava no time, apesar do barrigão. Ele era o melhor goleiro da cidade e seu time confiava muito nele para ganhar o campeonato. O jogo começou e logo o time adversário fez um gol. Daniel estava barrigudo e não conseguiu defender um chute, que foi até bem fraquinho. Daniel levou um frango, como se diz em futebol. O jogo continuou e o time de Daniel empatou e fez mais um logo depois. Estava dois a um e o jogo já estava para terminar. No último minuto do jogo, Daniel derrubou o atacante adversário e fez um pênalti. Seus companheiros reclamaram muito. Por que Daniel tinha que fazer um pênalti desnecessário naquela hora?

Daniel estava com muita dor de barriga porque já fazia um mês que ele não fazia cocô. Ele não estava jogando bem por causa disso, mas ninguém sabia, só ele.

O atacante foi bater o pênalti e todos ficaram de olho no Daniel, no meio do gol. Ele estava com tanta dor de barriga que até suava. O atacante bateu com bastante força o pênalti e a bola foi exatamente na barriga do Daniel. Foi então que aconteceu uma coisa que nunca tinha sido vista até então. Ao mesmo tempo em que a bola bateu no barrigão do Daniel, ele não conseguiu segurar a vontade de fazer cocô. O cocô de um mês inteiro saiu com tanta força que furo o calção do Daniel e saiu que nem uma explosão, caindo como uma chuva lá embaixo na cidade. Naquele dia choveu cocô na cidade inteira.

Mas Daniel defendeu o pênalti e seu time ganhou o jogo. Desde aquele dia, Daniel sempre olha na privada antes de se sentar para ver se não encontra um sapo lá dentro. E desde aquele dia ele faz cocô todos os dias.

A DORMINHOCA

Do outro lado do mundo vivia uma menina muito dorminhoca. Ela dormia tão profundamente que ninguém conseguia tirá-la da cama de manhã. Sua mãe cantava para ela, fazia cócegas, tirava as cobertas de cima dela, mordida sua barriguinha, e.... nada. Ela continuava dormindo. Como ela precisava ir para a escola, sua mãe e seu pai trocavam a roupa dela, e continuava dormindo, escovavam os dentinhos dela, e continuava dormindo, davam a mamadeira para ela, que continuava dormindo, e punham sua filhinha para fazer xixi, e ela fazia dormindo.

Depois eles a levavam no colo para o carro e a entregavam na escola. Ela só acordava quando sua professora tocava o sino da escola, que fazia um barulhão.

Com o passar do tempo, a menina, que se chamava Carolina, cresceu e ficou grandona. Mas ela continuava dorminhoca do mesmo jeito. Sua mãe não conseguia mais carregá-la no colo e seu pai ficava com dor nas costas de tanto fazer força. Não tinha mais jeito. Eles precisavam encontrar uma maneira de acordar sua filha de manhã.

Tiveram a ideia de comprar um sino, que nem o da escola, e o puseram dentro do quarto da Carolina. Não funcionou. O barulho era tão forte que todas as crianças dos vizinhos acordavam, mas ela continuava dormindo.

Tiveram outra ideia. Compraram um cachorrinho que logo cedo acordava, pulava em cima dela e ficava lambendo a sua boca. Mesmo assim, não acordava.

O papai e a mamãe dela compraram uma corneta, que fazia tanto barulho que todos os moradores do quarteirão acordavam, menos sua filha.

Os pais da Carolina estavam ficando desesperados e chamaram um médico para ver se ele podia dar um remédio que fizesse a dorminhoca sarar e deixar de ser dorminhoca. Ele a examinou, examinou...

-A Carolina não tem nada de errado. Ela é só dorminhoca e mais nada. Vou trazer um presente para vocês e tudo vai se resolver.

No dia seguinte, o médico trouxe um despertador e deu para os pais da Carolina:

-Com este despertador ela vai acordar na hora e não vai mais dar trabalho para vocês.

Os pais, que já tinham comprado mais de dez despertadores diferentes, um mais barulhento do que o outro, ficaram desanimados.

-Mas, doutor, já compramos vários despertadores e ela nunca acordou com qualquer deles. Por que este iria funcionar?

-Vai funcionar, eu garanto. Tenham confiança em mim e experimentem amanhã cedo.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Os pais de Carolina não acreditaram que o despertador iria funcionar, mas regularam o despertador e o puseram ao lado da cama, no criado-mudo.

De manhã o despertador esguichou um pouquinho de água gelada para cima, que caiu no rosto da Carolina. Ela, que gostava só de água bem quentinha, acordou na hora e foi até o quarto de seus pais, que ainda não tinham se levantado. Eles levaram um susto e perguntaram o que tinha acontecido.

Eles deram muitas risadas quando viram o despertador funcionando. Ele não fazia nenhum barulho, só espirrava água gelada. Que médico esperto! - eles pensaram. Resolveu o problema da dorminhoca.

Carolina cresceu e nunca mais precisou ser acordada por sua mãe nem por seu pai. O despertador sempre a acordou daquele dia em diante.

Hoje ela já é grande e tem três filhinhos, dois meninos e uma menina. Cada um deles tem um despertador igual ao dela porque todos eles são dorminhocos que nem ela.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

A LANCHEIRA MÁGICA

Era uma vez uma menininha muito pobre chamada Débora. Tinha só três aninhos e passava fome. Sua família era tão pobre que não havia comida em casa. Seu pai já tinha morrido e sua mãe era doente, não podia trabalhar. Seus três irmãos eram mais velhos do que ela e viviam pedindo esmolas nas esquinas. Ela revirava latas de lixo e comia restos de comida que encontrava. Guardava um pouquinho e levava para sua mãe.

Ela, a mãe e os irmãos perderam a casa onde moravam porque não podiam mais pagar o aluguel. Foram morar debaixo de uma ponte e passavam frio. O lugar era cheio de ratos e de baratas, por causa da sujeira.

Débora comia mal, não tomava banho e não tinha casa. Por causa disso, ela era suja e malcheirosa. Todos tinham nojo dela. Quando estava revirando as latas de lixo no meio dos cachorros, parecia um bicho. Seus cabelos eram crespos e duros, de tanta sujeira. Ela parecia ter uma juba de leão, de tão descuidados eram seus cabelos.

Um dia, durante uma tempestade, ela se perdeu e não conseguiu achar o caminho de volta. Estava molhada, com frio, fome e medo. Estava escuro. Ela começou a chorar encolhidinha num canto da rua e dormiu. Dormiu e sonhou.

No seu sonho ela era uma menina pobre e infeliz, sem pai e com a mãe doente. No sonho ela estava com fome e procurava restos de comida no lixo. Procurando comida, encontrou uma lancheira cor-de-rosa novinha. Abriu a lancheira e encontrou uma garrafa de suco de laranja, um sanduíche de carne e um brigadeiro. Comeu tudo. Estava delicioso. Na parte do sonho em que estava bebendo o suco de laranja, ela acordou com um cachorro lambendo sua boca. Ela ficou muito brava e deu um safanão no cachorro. Imagine só! Um cachorro lambendo sua boca! Que nojo!

Ela percebeu, então, que toda aquela gostosura tinha sido só um sonho bom. Ainda estava com fome. Mais fome do que antes de sonhar com a lancheira. Ela se virou de lado para dormir de novo e tentar sonhar com aquela comida outra vez. Quando se virou, viu uma lancheira cor-de-rosa ao lado dela, novinha, como no sonho. Só que não estava sonhando mais. Ela pegou a lancheira e procurou comida dentro dela. Adivinhe o que ela encontrou? Uma garrafa de suco de laranja, um sanduíche de carne e um brigadeiro, como no sonho. Débora estava com tanta fome que comeu tudo e bebeu todo o suco. Ficou com a barriguinha cheia e dormiu abraçada com a lancheira cor-de-rosa.

Quando acordou de manhã, estava sozinha na rua e a lancheira estava com ela. Abriu a lancheira e levou um susto. Lá dentro tinha agora um sanduíche de presunto com queijo, uma maçã e uma garrafa de suco de uva. Como isso podia ter acontecido? Ela nem parou para pensar. Comeu tudo e bebeu o suco de uva, seu suco predileto. Na verdade, ela não conseguiu comer tudo e deu um pouco para o cachorro que tinha lambido sua boca. Ele também estava com fome.

Débora levou a lancheira com ela e achou o caminho de volta para debaixo da ponte onde

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

morava. Chegando lá, viu seus irmãos e sua mãe com frio e fome, enrolados em pedaços de papelão e sacos de plástico. Todos estavam com muita fome. Ela ficou com muita pena deles todos e desejou de todo o coração que dentro da lancheira pudesse ter alguma coisa para sua família. Abriu a lancheira e lá estavam quatro sanduíches de carne, um para cada um de seus três irmãos e outro para sua mãe. Todos comeram e ainda continuavam com fome. Ela abriu a lancheira de novo e lá estavam doze brigadeiros. Todos comeram e ainda continuavam com fome. Cada vez que Débora abria a lancheira, aparecia comida, sempre fresquinha e sempre gostosa. Doces e salgados. Sucos e refrigerantes. Bastava pensar, e a coisa aparecia lá. Logo Débora percebeu que a lancheira lhe dava exatamente o que ela pensava. Se ela pensava em pera e maçã, abria e lá estavam peras e maçãs. Se ela pensava em sanduíche de frango, abria a lancheira e lá estava seu sanduíche de frango. Era uma lancheira mágica! Mas a lancheira só funcionava nas mãos dela. Qualquer outra pessoa que tentasse, nada acontecia. A lancheira estava sempre vazia. Mas quando Débora pegava a lancheira, a comida logo aparecia, exatamente como ela desejava.

Uma vez ela desejou sorvete, e a lancheira apareceu com doze picolés, um de cada sabor. Outra vez desejou mousse de chocolate e a lancheira inteirinha virou uma meleca de mousse de chocolate. Débora precisou lavar toda a lancheira, de tanta meleca que sobrou lá dentro.

Com sua lancheira mágica, Débora abriu uma lanchonete com sua mãe e seus irmãos. Os irmãos pegavam os pedidos, ela pensava no que eles pediam, com os olhos fechados, e abria a lancheira. Lá estava exatamente o que o freguês tinha pedido. Eles conseguiram comprar uma casinha com o dinheiro que ganhavam com a lancheira. Compraram também roupas boas, sabonetes perfumados, pentes e perfumes. Débora ficou toda arrumadinha, com um vestidinho cor-de-rosa, como a lancheira, com os cabelos penteados e os dentes escovados. Todos queriam conhecer a linda menina da lancheira mágica.

A PRINCESINHA

Mil anos atrás viveu uma princesinha chamada Luísa. Tinha três anos e era muito engraçadinha. Seu pai era um poderoso rei, que tinha dez filhos homens e Luísa, a mais nova e a única mulher. Ela recebia toda a atenção de sua mãe, de seus dez irmãos homens e de seu pai, o poderoso rei.

Luísa era muito mimada e tinha tudo o que queria - todos os brinquedos, todos os animais, todos os vestidos e todos os amigos. Ela era muito feliz. O rei adorava sua princesinha e fazia todos os gostos dela. Eles brincavam de esconde-esconde, passa-anel, pega-pega e todas as outras brincadeiras. Rolavam pelo chão, procuravam borboletas na floresta, tomavam banho de cachoeira e liam muitos e muitos livros de histórias.

O rei, que já tinha brincado do mesmo jeito com seus outros dez filhos, não queria que sua princesinha crescesse depressa e deixasse de brincar com ele. Porque quando as crianças crescem, elas deixam de gostar de muitas coisas boas. Seus dez primeiros filhos não queriam mais brincar com ele. Só a Luísa gostava de brincar com seu papai querido.

O rei, que era muito rico e muito poderoso, pediu que todos os médicos e todos os bruxos de seu reino fizessem uma poção mágica que fizesse parar de crescer a sua Luísa. Depois de muito trabalho e muito dinheiro, finalmente trouxeram ao rei um copo com uma poção mágica que fazia parar de crescer. O rei experimentou o líquido com a ponta da língua e achou que o gosto estava bom. Ele não queria que o remédio fosse ruim. Queria que sua filhinha gostasse. Ela gostou e tomou tudo de uma vez só. Ela sabia que era para fazer com que ela parasse de crescer e que tivesse sempre três anos. Ela achava que seria sempre feliz como era naquele dia. Brincaria com seu pai o resto de sua vida e teria sempre três anos. Teria todos os brinquedos, todos os bichos e todos os amigos que quisesse. Seria feliz para sempre.

E foi assim mesmo, por algum tempo. Luísa parou de crescer, mas todos os seus amiguinhos continuaram a crescer. Eles fizeram quatro anos, depois cinco, depois seis e depois sete. E ela não fazia mais aniversários porque tinha sempre três anos. Ela continuava a ter todos os brinquedos e todos os bichos que queria. Tinha até um elefante e uma girafa só para ela. Mas seus amigos já não gostavam de brincar com ela como antes. Eles cresceram e gostavam de brincar de outras coisas. Gostavam de andar de bicicleta, gostavam de lutar, jogavam pingue-pongue, gostavam de ler sozinhos, e muitas outras coisas de crianças grandes.

Luísa já não tinha amiguinhos que quisessem brincar com ela. Tinha que brincar sozinha. Ou só com seu pai. Foi ficando triste. Seu pai, o poderoso rei, fazia de tudo para que ela fosse feliz. Comprou um trenzinho de verdade só para ela, comprou um zoológico inteirinho, comprou um circo e comprou um Shopping Center só para ela. Comprou até uma fábrica de chocolate só para ela. Mas ela continuava triste porque seus amigos eram mais importantes para ela do que todas as coisas que seu pai lhe dava.

O rei, vendo a tristeza de sua princesinha, chamou de novo todos os médicos e bruxos de seu reino e mandou que eles fizessem outra poção mágica que fizesse sua filha crescer. E fizeram.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

O rei deu à sua filha o remédio para fazer crescer de novo e ela tomou todinho. Só que ele era bem amargo e tinha um gosto ruim. Mas ela tomou mesmo assim, sem reclamar, porque queria muito crescer.

Depois de alguns dias, ela estava já com sete anos, do tamanho de seus amiguinhos, e voltou a brincar com eles e a ser feliz. O rei ficou um pouco triste, mas logo se esqueceu de sua tristeza porque sua filha estava feliz.

O rei resolveu fazer uma grande festa de aniversário porque sua filha tinha feito sete anos. Convidou todos os amigos dela e deu um caminhão de presentes para cada um deles. Para ela ele deu um pônei vermelho, que ela tem até hoje. Foi o melhor presente de aniversário que ela recebeu em toda a sua vida. E nunca mais ela parou de crescer até virar gente grande.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

A REMENDADA

Era uma vez uma menininha muito pobre. Ela tinha poucas roupas, que logo ficavam apertadas e se rasgavam porque ela crescia depressa. Os sapatos também. Ficavam apertados e rasgavam. Ela então tinha que andar descalça até que sua mãe e seu pai tivessem dinheiro para comprar outro. Ou até que algum amigo ou parente lhe desse roupas e sapatos novos no Natal ou no seu aniversário.

Quanto ela estava sem sapatos e com roupas muito apertadas e, às vezes, rasgadas, cheias de remendos, chorava muito. Ficava com vergonha de sair de casa e ir para a escola. Os amiguinhos riam dela e a chamavam de Remendada. O nome dela era Célia, mas ninguém a chamava mais pelo nome.

Uma noite ela estava acordada e todos na casa dormiam. Estava chorando e pedindo ao Papai do Céu que a ajudasse. Estava tudo muito escuro e silencioso. De repente alguma coisa ou alguém bateu na janela de seu quarto. Toc-toc-toc. A menininha ficou com medo e nem se mexeu. De novo a batida na janela: toc-toc-toc. Depois de alguns minutos sem se mexer, ela decidiu olhar pelo buraquinho da janela para ver se enxergava alguma coisa. Levou um susto porque quando olhou pelo buraquinho da janela, viu uma fadinha que olhou para ela e a chamou: - Célia, eu vim para ajudá-la. Abra a janela para que eu possa entrar.

Célia ficou com medo de deixar a fadinha entrar. Mas a fadinha parecia ser tão boazinha... Mesmo com medo, ela abriu a janela e deixou a fadinha entrar no seu quarto. Era uma fada bem pequena, do tamanho de uma caixa de fósforos, brilhante, com duas asinhas que se moviam bem depressa. A fadinha entrou voando no quarto, que ficou todo iluminado com seu brilho.

Depois de voar pelo quarto todo, a fadinha pousou na mão da Célia e conversou com ela:

- Célia, porque você anda tão triste?

- Porque minhas roupas são feias, todas remendadas e fazem com que eu pareça uma menina abandonada. Meus amigos me deram o apelido de Remendada. Cada vez que me chamam de Remendada, eu brigo ou choro. Tudo por causa de minhas roupas.

A fadinha ficou com dó da menininha.

- Hoje foi o último dia em que você passou por isso. Nunca mais vão chamá-la de Remendada. Nunca mais você vai usar roupas remendadas. Aqui está um presente mágico para você usar - é uma roupa de menina. Mas é uma roupa mágica: ela muda de cor e tamanho, conforme seu pensamento. Se você pensar forte, ela vira uma calça comprida com uma blusinha. Se pensar forte de novo, ela vira um vestidinho de festa. Se estiver calor, e você pensar de novo, ela vira um biquíni. Sempre que você quiser, ela muda. E será sempre uma roupa nova e limpa. Na hora de dormir ela vira um pijaminha. Vista!

Célia vestiu a roupa, que parecia um pijama cor-de-rosa de seda, muito bonito e gostoso de

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

vestir. Exatamente do tamanho dela.

- Pense agora num vestido de princesa. Pense forte.

Célia pensou forte e num piscar de olhos estava vestida como uma princesa, com sapato e tudo. Até com um colar de ouro e uma pulseirinha.

Ela ficou se olhando no espelho maravilhada. Então pensou em todas as roupas de que gostava e elas foram aparecendo uma atrás da outra: uma calça comprida marrom para usar no frio e um casaco de lã bem grosso. Um shortinho azul com uma blusa branca, com sandália de praia para ir ao clube. Um biquíni azul. Saia e blusa para ir à escola. E tudo o que ela queria. Bolsas de todas as cores. Sapatos de todos os tipos e cores. Até chapéus, botas e luvas.

Depois de algumas horas se divertindo na frente do espelho e observada pela fadinha, ela se cansou. Pensou num pijama bem leve (porque estava calor) todo branco e foi dormir. Antes, se despediu da fadinha e pediu que voltasse para visitá-la sempre que quisesse.

Desde aquele dia, Célia nunca mais foi chamada de Remendada pelos amigos e passou a ser a menina mais bonita e mais bem vestida da escola e de toda a cidade. Passou a ser chamada de Célia, a Princesinha.

O BALÃO

Era uma vez dois primos, Gabriel e Mariana. Gabi, como todos o chamavam, era o mais velho dos dois. Tinha dez anos. Maricota, como todos a chamavam, tinha oito anos. Eles moravam numa fazenda muito grande e bonita, cheia de bichos e plantas. Acostumados com tudo o que havia na fazenda e conhecedores do que era perigoso fazer e o que não era, andavam soltos por toda parte. Andavam a cavalo, de bicicleta ou a pé. Às vezes iam numa charrete puxada por um burrinho muito teimoso, que andava muito devagar e às vezes empacava. Nada o fazia sair do lugar. Seu nome, por isso mesmo, era Teimosão.

Durantes as férias de verão, Gabi e Maricota resolveram aplicar alguns conhecimentos que adquiriram na escola. Eles haviam aprendido que o ar quente é mais leve do que o ar frio. Por isso os balões sobem. Aquele foguinho que fica debaixo do balão esquenta o ar, que fica mais leve, e faz com que o balão suba para o céu.

Decidiram fazer um balão bem grande para viajarem pela fazenda mais depressa, pelo menos mais depressa do que com o Teimosão.

Como seus pais não iriam gostar da ideia, decidiram manter o projeto em segredo. Resolveram não contar para ninguém, nem para suas famílias nem para os empregados da fazenda.

Durante vários dias os dois trabalharam duro para fazer um balão. Como a fazenda era grande e tinha muitos materiais jogados por toda parte, eles ficaram procurando coisas velhas e abandonadas para seu balão. De uma piscina velha que eles tinham usado quando eram bem pequenos, fizeram a cesta do balão, para ficarem dentro. O balão eles construíram com papelão e cola. Um fogareiro velho serviu para ser amarrado debaixo do balão para fazer o fogo. As cordas eles pegaram de varais espalhados pela fazenda. Foram descobertos pela lavadeira da fazenda, que os pegou tirando as cordas dos varais, mas eles compraram cordas novas com o dinheiro que tinham num cofrinho e pediram para ela não contar nada para ninguém. Ela não contou. Para conseguirem a colaboração da lavadeira, tiveram que contar uma mentirinha. Disseram que estavam construindo uma cabana para brincar de índio. Ela não acreditou, mas não contou nada para ninguém.

Depois de pronto o balão, ele precisava ser testado. Foi então que Gabi e Maricota cometeram um grande erro. Entraram no balão e acenderam o fogo. Esqueceram-se de amarrar o balão no chão para que não subisse. Acenderam o fogo e o balão rapidamente subiu com os dois dentro da cesta. Com medo, eles se abraçaram e começaram a gritar pelos seus pais, que não escutaram. O balão subiu, subiu e continuou subindo sem parar, até as nuvens. Eles perceberam o erro que tinham feito e decidiram fazer alguma coisa. Não podiam pular, nem podiam pedir ajuda. Estavam sozinhos e dependiam só deles mesmos. Eles se lembraram das aulas da escola, onde aprenderam que se o fogo diminui, o ar esfria e o balão desce. Resolveram então diminuir pouco a pouco o fogo do fogareiro e o balão começou a descer bem devagar. Até que parou num campo de plantação de milho e eles puderam pular do balão. Para não provocar um incêndio eles apagaram o fogareiro. O vento os havia levado muito longe de casa, mas ainda dentro da fazenda, que era muito grande. Logo eles acharam um empregado da fazenda, que estava dirigindo um trator, e pediram carona.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Já em casa, eles disseram outra mentirinha para seus pais para explicar o porquê da demora para o jantar. Disseram que tinham ido passear com o Teimosão e que ele tinha empacado bem longe de casa, fazendo-os voltar a pé.

Tudo terminaria bem se não fosse um empregado da fazenda trazer um balão que ele tinha encontrado no campo de milho. Dentro da cesta do balão havia duas lancheiras, a do Gabi e a da Maricota. Os pais deles perceberam que eles tinham mentido e que tinham viajado de balão em segredo.

Além de uma grande bronca, ficaram de castigo em casa o resto das férias por terem mentido e por terem feito uma coisa daquelas.

Nunca mais os primos Gabriel e Mariana fizeram uma coisa assim perigosa, mas nunca mais se esqueceram daquela maravilhosa aventura por que passaram nas férias.

O BRUXO MALVADO

Era uma vez um bruxo malvado que comia criancinhas. Ela gostava delas bem cozidas, com muito molho de tomate. Ele as procurava nas ruas e as pegava quando seus pais estavam distraídos. Ele as colocava dentro de um saco e as levava para sua casa na floresta.

Uma vez ele passou por uma rua e viu que várias crianças brincavam de esconde-esconde. Ficou observando e viu que uma menininha de menos de cinco anos foi se esconder atrás de uma casa em construção. Ele a pegou, sem que ninguém o visse, e a colocou dentro de um saco bem grosso, que não deixava os gritos dela passarem. Carregou o saco até sua casa e ninguém percebeu nada.

Quando chegou em casa, abriu o saco e colocou a menininha numa gaiola pendurada no teto de sua enorme cozinha. Acendeu o fogo de seu enorme fogão e encheu de água uma panela enorme para cozinhar a coitadinha. Enquanto preparava o molho de tomate, perguntou o nome da menininha, que estava chorando muito.

- Renatinha. Eu quero minha mãe. E começou a chorar de novo.

-Renatinha, eu sou o Bruxo Malvado e vou pôr você naquela panela daqui a pouco e vou comer você com molho de tomate. Não adianta chorar nem gritar, porque ninguém mora aqui por perto. Fique quieta e não me atrapalhe porque eu quero fazer um ótimo molho de tomate.

Renatinha ficou mais assustada do que já estava. Olhou para a panela cheia de água quente, os tomates, as facas, os temperos e a cara de fome do Bruxo. Ficou com muito medo e começou a tremer.

-PARE DE TREMER! Pare de tremer senão sua carne vai ficar dura e eu não gosto de carne dura.

De tanto medo do grito do Bruxo, ela até parou de tremer. Ficou sem se mexer e quase não respirava. O Bruxo voltou a seus afazeres, arrumou a mesa, cortou os tomates, as cebolas e a salsinha. Jogou um pouco de óleo na panela e abriu uma lata de azeitonas.

Renatinha tinha aprendido a cozinhar com sua avó e cozinhava muito bem. Todo mudo gostava do que ela fazia. Ela adorava fazer coisas com sua mãe, seu pai e seus tios. Sabia fazer carne assada, lasanha, feijão, arroz, picadinho, batatas assadas, salmão grelhado, filé de frango frito, sopa de feijão, e muitos outros pratos. Os doces eram seu ponto forte. Sabia fazer pudim de leite, brigadeiro, bolo de frutas, torta de morango, torta de limão, bolo de chocolate e arroz doce.

Enquanto o Bruxo preparava seu jantar, ela percebeu que ele não sabia cozinhar direito. Nem sal na comida ele usava! Ele era também meio porco porque não lavava nada. Tirava os ingredientes dos sacos de supermercado e os colocava na panela sem lavar. Nem as mãos ele lavava. Ela até percebeu que ele foi fazer xixi e nem lavou as mãos. Ela ficou com nojo da comida, que seria, na verdade, ela mesma. Juntou toda a coragem que tinha e falou:

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

-Seu Bruxo, o senhor cozinha muito mal e é muito porco. Sua comida deve ficar horrível, tão horrível que nem meu cachorro, que come de tudo, comeria.

O Bruxo arregalou dois olhos enormes e abriu sua boca quando ouviu aquilo. Nunca ele tinha sido tão criticado nem tão humilhado em toda sua vida. Ele, que se considerava um grande cozinheiro até aquele momento, tinha sido considerado um porco! Quanta ousadia daquela tal de Renatinha!

Ele já ia falar uma porção de desaforos para ela, mas ela falou antes:

-Seu Bruxo, o senhor deve ser um dos piores cozinheiros do mundo, mas isso não precisa ficar assim. Se o senhor desistir de me comer, eu posso ensiná-lo a cozinhar como minha vovó me ensinou. E olhe que ela é uma das melhores cozinheiras do mundo. Se o senhor experimentar um de meus pratos, nunca mais vai querer comer uma criancinha porque as carnes de vacas, de porcos, de frangos e de peixes são muito mais macias e muito mais gostosas, quando bem preparadas, do que as carnes das crianças. Além do que, Papai do Céu vai ficar muito bravo com o senhor.

O Bruxo não sabia o que dizer. Algo dentro dele sabia que ela estava com a razão e que ele cozinhava muito mal. Como sair daquela situação embaraçosa? Como deixar de comer aquela menininha aparentemente tão saborosa? Como fazer um acordo daqueles?

Renatinha notou que ele estava em dúvida sobre o que fazer, e acrescentou:

-Faço um acordo com o senhor. Eu lhe preparo um jantar delicioso, como o senhor nunca comeu. Se o senhor gostar, desiste de me comer e eu o ensino a cozinhar. Se não gostar, pode me comer.

O Bruxo ficou convencido e soltou a menina da gaiola. O que ele tinha a perder? Se não gostasse do jantar, jantaria a Renatinha.

Ela organizou a cozinha, pôs um avental, lavou bem suas mãos, como convém a um bom cozinheiro, e se pôs a trabalhar. Primeiro, jogou tudo o que ele tinha feito no lixo. Depois, foi abrindo os armários e a geladeira, separando os ingredientes para fazer um bom jantar. O Bruxo só ajudava quando ela pedia. De vez em quando, ela lhe dava uma bronca porque ele teimava em fazer as coisas do jeito dele. Depois de duas horas, o jantar estava pronto e eles se sentaram para comer.

Primeiro, eles comeram uma salada de alface, tomate e palmito, muito bem temperada com sal, vinagre, pimenta do reino, queijo ralado e azeite. Depois, uma deliciosa sopa de feijão. A seguir, um filé com fritas e arroz com cenoura. Para finalizar, um mousse de chocolate.

O Bruxo nunca havia comido tão bem. Nem tinha comido tanto. Sua barriga estava tão cheia que ele mal podia andar. Ficou com muito sono e dormiu.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Renatinha fugiu pela floresta, andou sem parar a noite inteira, até que encontrou uma casa. Ela pediu ajuda para os moradores daquela casa e contou tudo o que tinha acontecido. Eles chamaram a polícia, que veio logo e ouviu dela tudo o que tinha acontecido. Com a ajuda dela, os policiais encontraram a casa do Bruxo, mas ele havia fugido e nunca mais foi encontrado.

Renatinha foi levada de volta para a sua casa, onde a esperavam seus pais, seus irmãos e todos os seus parentes. Fizeram uma grande festa pela volta dela. Estava perdida e foi achada. Graças ao que ela tinha aprendido, enganou o Bruxo e conseguiu se salvar. E se ela não soubesse cozinhar, o que teria acontecido?

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Era uma vez uma cidade onde só moravam elefantes. Eles eram todos iguais: enormes, cinzas e mal-humorados (você já viu um elefante dando risadas?). Todos comiam as folhas das árvores e um pouco de capim. Sem lavar e sem temperar. Você comeria uma salada assim?

Nasceu um elefante cor-de-rosa naquela cidade. Todos os outros elefantes, com exceção de sua mãe, ficaram horrorizados: - Cor-de-rosa! Como pode um elefante ser tão diferente de nós?

Ele recebeu o nome de Mutante. À medida que crescia, mais diferente ficava: ele não era muito grande e era muito, MUITO alegre. Dava risadas e gargalhava tão alto que deixava os elefantes mais velhos escandalizados. Deram a ele o nome de Mutante, o Escandaloso.

Quanto à comida, ele gostava de todo o tipo de salada, mas só com tempero: sal, vinagre, azeite e um pouquinho de alho. Mas nada de folhas de árvores e de capim. Ele comia alface, agrião, tomate, beterraba, cenoura e rúcula. Tudo muito bem lavado! Esse seu gosto diferente lhe trouxe alguns problemas em casa. Seus avós, seu pai e seus irmãos o criticavam muito por causa de seu paladar estranho. Só sua mãe o aceitava como ele era e ainda o ajudava a preparar as saladas temperadas.

Quando ficou moço, Mutante era o mais diferente de todos os elefantes que já existiram. Era baixinho, orelhudo, sorridente e... tinha asas. Isso mesmo: asas brancas! Só que não voava, as asas eram pequenas. Sua cor, sua alegria, sua pequena altura e também suas asas o tornavam alvo de críticas de seus amigos, dos vizinhos e até de seus parentes. No entanto, outros gostavam dele e queriam ser como ele. Alguns de seus amigos aprenderam com ele a gostar de alface, tomate, agrião, beterraba, cenoura e rúcula. Com tempero!

Com o passar do tempo, a cidade ficou dividida a respeito de Mutante, o Escandaloso. Alguns gostavam dele, principalmente por ele ser alegre e divertido. Outros não gostavam dele exatamente por ele ser diferente. Não gostavam dele por ser cor-de-rosa, e não cinza, por ele ser baixinho, por ele ter asas, e principalmente por ele estar mudando os costumes dos elefantes mais jovens da cidade. Havia muitos que comiam salada lavada e temperada. Outros tantos que aprenderam a sorrir e a dar gargalhadas.

Os elefantes mais velhos decidiram expulsá-lo da cidade para que tudo voltasse a ser como antes: cinza e sem tempero. Mesmo sob o protesto dos mais jovens, os elefantes mais velhos conseguiram expulsar Mutante para bem longe da cidade.

A cidade voltou a ser o que era antes. Com o tempo, os mais jovens reaprenderam a comer capim e folhas de árvores, sem lavar e sem temperar. Todos voltaram a ser emburrados como antes e o cinza voltou a ser a cor oficial. Nada de outras cores. Nada de ameaças aos bons costumes. Nada de gargalhadas e de asas.

Muitos anos depois, Mutante voltou à sua cidade para visitar a família. Trouxe com ele uma esposa e sete filhinhos, todos cor-de-rosa, baixinhos e com asas. Só que seus filhinhos tinham

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

asas grandes e sabiam voar. Foi o maior acontecimento na cidade. E foi o maior escândalo que já ocorrera na cidade dos elefantes. Só que daquela vez, os amigos de infância de Mutante já haviam crescido e agora mandavam na cidade. Eles o convidaram para morar de novo na cidade e ele aceitou. A vida de todos mudou para melhor naquele lugar. Todos aprenderam a gostar de salada lavada e temperada. E todos aprenderam a sorrir e a dar muitas gargalhadas.

O MENINO QUE NÃO DORMIA

Era uma vez um menino chamado Lucas. Ele tinha seis anos e até aquele dia de sua vida nunca tinha dormido. Desde que tinha saído da barriga de sua mãe, nunca tinha tido sono. Seus pais, no começo, quando ele era ainda um bebê, ficavam acordados com ele, mas depois não aguentaram mais. Cansados de sono, dormiam e ele continuava acordado.

Lucas tinha um quarto só para ele. Seu quarto era como o quarto que todos os meninos de seis anos mereciam ter. Tinha uma cama, um armário para guardar roupas e sapatos, um baú cheio de brinquedos, uma mesinha com uma cadeira para ele se sentar para fazer desenhos e ver seus livrinhos, e uma estante com seus cadernos e livros de histórias.

Depois de jantar, pôr o pijama e escovar os dentes, ele se deitava em sua caminha, como todos os meninos, e escutava as histórias que seus pais lhe contavam. Às vezes era o seu pai que contava histórias e às vezes era sua mãe. De vez em quando, era uma de suas avós. Mas todas as noites ele se deitava para ouvir histórias. Como não tinha sono, pedia que o contador de histórias contasse outra e depois outra e mais outra história. Só que o contador de histórias tinha sono e precisava parar para dormir, como todo mundo. Menos ele, que não tinha sono.

Depois que dizia boa noite para quem estava com ele, se levantava, fechava a porta de seu quarto e começava a brincar sozinho. Ficava bem quietinho para não acordar as outras pessoas da casa - seus pais e seus dois irmãos. E também seu cachorrinho. Só ele acordado na casa, passava a noite brincando sozinho. Conversava com seus brinquedos, fazia desenhos, via seus livrinhos, escutava música bem baixinho, fazia ginástica, e fazia tudo o que dá para fazer sozinho num quarto de menino.

De manhã, sua mãe ia ao seu quarto e ele estava brincando. Então trocava de roupa, tomava seu café da manhã, escovava seus dentinhos e ia para a escolinha. Todos os seus amiguinhos dormiam um pouco na escola, menos ele, que ficava brincando com suas professoras e fazendo desenhos.

Lucas jamais dormia, mas via os outros dormindo e ficava com vontade de dormir também. Só que não conseguia. Ele bem que tentava. Ficava quietinho na cama, fechava os olhinhos, pensava em coisas boas, mas....nada! Não dormia.

Seus pais, seus avós e seus professores já tinham tentado de tudo. Ele já tinha sido levado a todos os médicos da cidade, tinha tomado remédios para dormir, tinha escutado todas as histórias que fazem as crianças dormirem, tinha brincado com todos os brinquedos que fazem as crianças dormirem, mas...nada! Com ele nada funcionava. Nem mesmo uma cama que se mexia (balançava bem devagarinho) funcionava. Estava sempre acordado e sem sono.

Um dia apareceu naquela cidade um inventor. Fazia qualquer coisa que lhe pedissem. Inventava máquinas e aparelhos para tudo. Tinha até inventado um robô igualzinho a ele e que também era inventor. Assim, quando ele estava cansado, mandava o robô trabalhar e ninguém percebia que não era ele. Quando o inventor apareceu naquela cidade, o pai de Lucas pediu para ele inventar uma máquina que fizesse seu filho dormir.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Depois de alguns dias, o inventor trouxe uma caixa bem grande até a casa de Lucas e disse que ia montar uma máquina no quarto dele para que aprendesse a dormir. A máquina parecia um robô. Na verdade, era mesmo um robô, só que meio desengonçado, sem pernas, só com braços. Quatro braços. O inventor pediu que Lucas vestisse o seu pijaminha e que se deitasse para dormir. O inventor pediu que a mãe dele lhe contasse uma história e que cantasse para ele, como fazem todas as mães na hora de dormir. Então ligou a máquina.

A máquina fazia um barulho de chuva bem delicado. De vez em quando o barulho de chuva parava e a máquina cantava bem baixinho. Depois voltava o barulhinho da chuva. De tempos em tempos a máquina falava bem baixinho no ouvido do menino: - Eu gosto muito de você. Eu amo você.

A máquina tinha quatro braços, cada um com uma mãozinha bem macia. Um dos braços ficava passando a mão na cabeça de Lucas. O outro ficava fazendo cócegas bem de leve na barrigui-nha dele. Os outros dois braços ficavam abraçando o menino bem de leve e davam uma balançadinha de vez em quando. Tudo isso ao mesmo tempo e funcionando a noite inteira.

Depois de cinco minutos com a máquina funcionando, Lucas dormiu pela primeira vez em sua vida. Seus pais e o inventor saíram do quarto bem devagarinho para não acordá-lo. Ele passou a noite toda dormindo e acordou de manhã com um enorme sorriso de felicidade.

Desde aquele dia, Lucas aprendeu a dormir. Hoje ele já é bem grande, mas ainda dorme abraçado com sua máquina de fazer dormir.

O MENINO QUE TINHA MEDO

Era uma vez um menino chamado Ricardo. Ele tinha sete anos e gostava muito dos animais. Ele não tinha nenhum bicho na casa dele porque morava num apartamento bem pequeno com o pai e a mãe. Lá não dava para criar nenhum animal.

Mesmo assim, ele gostava muito de todos os bichos, mas principalmente dos cachorros. Sempre que ele via um cachorro, parava para olhar. Quando estava perto, passava a mão no cachorro. Quando a professora de sua escola pedia para os alunos fazerem um desenho, ele sempre desenhava um cachorro. Quase todos os seus brinquedos eram cachorros de pelúcia e de plástico. Era só o que ele pedia para o Papai Noel.

Mas tudo isso mudou no dia em que um cachorro mordeu a perna do Ricardo. Foi assim que aconteceu: ele estava passeando na rua de mãos dadas com sua mãe quando passou uma menina com seu cachorro na coleira. Era um cachorro grande - um pastor alemão. Sem nenhum motivo, o cachorro correu para cima dele e deu uma mordida bem forte na sua perna. Foi um correrre. A mãe do Ricardo, muito assustada, tentando pegar seu filho no colo e sair logo daquele lugar. O final da história é que o Ricardo precisou ir para o hospital e fazer curativos na sua perna toda machucada. Doeu muito e ele chorou.

Ele sarou, mas ficou muito triste com o que aquele pastor alemão havia feito. Ficou também com medo. Toda vez que via um cachorro, saía correndo e se escondia. Não passava mais a mão em nenhum bicho. Tinha medo de todos. Até de seus bichos de brinquedo ele tinha medo. Tanto medo que sua mãe guardou todos os bichos de brinquedo no armário embutido, bem no alto. De amigo dos animais, ele virou seu inimigo, nem chegava perto.

Quando Ricardo tinha dez anos, aconteceu uma coisa que mudou sua vida de novo. Ele estava voltando da escola sozinho quando viu um cachorrinho ser atropelado por um caminhão. O cachorrinho era todo branco e pequeno. Era um poodle. Ele foi jogado longe pelo caminhão e ficou muito machucado. Apesar de ser um cachorrinho branco, ficou todo vermelho por causa do sangue que escorria de seus machucados. Ricardo viu aquilo e pensou: "Bem feito. Espero que morra!" E continuou seu caminho para casa. Mas alguma coisa dentro dele fez com que ele voltasse para ver mais de perto o cachorrinho. Ele estava muito ferido e ninguém ligava. Ninguém parava para ajudar. Todos achavam que não adiantava fazer nada porque o cachorrinho ia morrer.

Ricardo criou coragem e chegou mais perto do cachorrinho. Ficou com muita pena e, apesar do medo que tinha, passou a mão em sua cabeça. O cachorrinho gostou e lambeu sua mão. Era seu jeito de dizer: "Muito obrigado!"

Ricardo juntou toda a coragem que lhe sobrava e carregou o cachorrinho no colo até seu apartamento. Quando sua mãe viu aquilo, ficou muito assustada. O cachorrinho e o seu filho estavam cheios de sangue que escorria do cachorro. Ricardo, seu papai e sua mamãe ficaram com dó do cachorrinho e resolveram ficar com ele. Lavaram todos os machucados, deram-lhe um banho e deram também remédios. E ele sarou. Ficou forte e bonito depois de alguns dias.

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

Faltava agora dar um nome para o cachorrinho. Ricardo escolheu: Tira-medo. O nome era esquisito, mas significava muito para o menino. Tinha sido aquele cachorrinho que havia tirado todos os medos dele.

O Tira-medo ficou morando no apartamento do Ricardo por algum tempo. Depois todos eles se mudaram para uma casa grande, com um quintal e uma casinha de cachorro. Viveram felizes por muitos anos e Ricardo voltou a ser amigo dos animais e nunca mais teve medo deles.

O PEIXÃO

Era uma vez um menino chamado Jonas. Ele morava bem perto do mar, numa vila de pescadores. Seu pai, seu avô, seus tios e seus irmãos eram pescadores. Eles saíam bem cedo para pescar e voltavam lá pela hora do almoço, às vezes alegres, com muitos peixes para vender no mercado, às vezes tristes e com poucos peixes. De vez em quando, Jonas ia junto com seu pai e seus irmãos no barco, mas só quando o tempo estava bom e a pescaria era bem perto da praia. O pai de Jonas não deixava que ele fosse junto todos os dias porque pescar é perigoso e Jonas era ainda pequeno, podia cair do barco e se afogar.

Jonas ficava com sua mãe e sua avó. Como sua escola era só depois do almoço, durante a manhã ele não tinha muito que fazer e ficava esperando sua família voltar do mar. Enquanto esperava, pescava com sua vara. Depois de pescar, ele abria a barriga de cada peixe para ver o que tinha lá dentro. Era um menino curioso e queria saber o que o peixe tinha engolido, de que comidas gostava e qual o tamanho do estômago de cada peixe. Uma vez ele achou um anel de ouro dentro da barriga de um peixe e ficou muito feliz. Deu o anel para sua mãe no dia em que ela fez aniversário. Aquele, disse ela, foi o melhor presente de aniversário de toda a sua vida. Outra vez ele achou um botão de camisa vermelho. Em outro peixe encontrou uma tampinha de caneta. Em outro, um óculos. E em outro, um relógio de pulso todo enferrujado.

-Quantas porcarias os peixes engolem. - pensou. Eles pensam que essas coisas são comida, mas não são e ficam paradas dentro da barriga. Os peixes devem ter dor de barriga. Jonas ficou imaginando como seria a dor de barriga de um peixe. Será que seria como a dor de barriga dele quando comia muito chocolate?

Um dia Jonas queria muito ir pescar com seus irmãos, seus tios, seu avô e seu pai. Só que o tempo não estava bom. Uma tempestade estava se aproximando daquela região. O pai de Jonas não deixou que ele fosse junto. Jonas insistiu e brigou com seu pai. Foi muito malcriado. O pai de Jonas deu um castigo bem grande para ele - Jonas teria que ficar um mês inteiro sem sair para pescar ou para passear. Teria que ficar em casa fazendo as lições da escola. Também não poderia assistir televisão nem usar o telefone. Só poderia estudar.

Jonas ficou com tanta raiva de seu pai que resolveu fugir de casa. Um dia, logo cedo, depois que seu pai saiu para pescar, ainda no escuro, Jonas pulou a janela de seu quarto e foi para a praia. Lá ele entrou escondido num barco, pensando que aquele era um barco de pescadores. Só que não era. Aquele era um barco de piratas malvados, que roubavam e matavam as pessoas. Ele se escondeu debaixo de uns panos e ficou bem quietinho. Depois de algumas horas, já bem longe de sua casa, no meio do mar, os piratas descobriram que Jonas estava em seu barco. Eles o pegaram, bateram nele e o jogaram no mar.

Jonas sabia nadar, mas ainda era criança e o mar estava muito frio. Ele se viu sozinho, sem ninguém por perto e não sabia para que lado tinha que nadar. Ficou com muito medo. De repente, apareceu um peixão enorme, do tamanho de um caminhão e NHOC! Engoliu o pobre Jonas.

Jonas percebeu que estava dentro da barriga do peixe, misturado com todas as porcarias e as comidas que os peixes comem. Estava escuro e o cheiro era muito ruim. Ele começou a pas-

O ELEFANTE COR-DE-ROSA

sar mal. Quando Jonas ficava nervoso, ele passava mal e começava a soltar PUM. E começou a soltar um PUM atrás do outro. De tanto PUM fedido, o peixeão começou a passar mal. Jonas parecia uma metralhadora de PUNS.

O peixeão não aguentou aquele soltador de PUNS dentro de sua barriga. Vomitou Jonas e todas as porcarias e comidas que tinha na barriga. O vômito saiu com tanta força que Jonas foi parar na praia, bem perto de sua casa. Correu para casa e lá encontrou sua família super-preocupada com o sumiço dele. Ele contou tudo como tinha acontecido, mas ninguém acreditou. Todos acharam que ele tinha fugido, caído em algum buraco bem sujo e que tinha inventado aquela história.

Jonas nunca mais se esqueceu do que havia acontecido e prometeu obedecer a seus pais em tudo. Depois de tudo isso, ele desistiu de ser pescador e preferiu ser um professor. Nunca mais Jonas entrou na água do mar. Tinha medo de encontrar o peixeão de novo.